

SENEGAL – ESCOLAS DAARA

– O currículo da escravidão -

Liliana Rodrigues

lilianagr@staff.uma.pt

CIE-UMa

A Constituição do Senegal, no seu artigo primeiro, define o país como sendo um Estado laico. Contudo, tal como noutros países, a comunidade é, na sua maioria, muçulmana. As crianças entre os quatro anos e os dozes anos são entregues a *marabus* - líderes muçulmanos muitíssimo respeitados pela população e pelas autoridades locais -, fiéis à tradição de incutir uma educação religiosa e moral aos rapazes que se formam nas escolas corânicas, chamadas *daaras*.

De acordo com a Human Rights Watch pelo menos cinquenta mil rapazes, conhecidos como *talibés*, são forçados a mendigar nas ruas senegalesas durante longas horas, por professores e violentos, conhecidos como *marabus*. No entanto, entre 2008 e 2013, o Senegal recebeu da União Europeia (UE) 340.3 milhões de euros. Em 2016 a UE libertou cerca de 60 milhões para projetos de parceria e em 2017 contribuiu com 4.1 milhões de euros na ajuda humanitária de combate à subnutrição que atinge 20.400 crianças naquele país.

Este investimento não foi o suficiente para libertar milhares de crianças que, aos olhos de todos nós, são transformadas em máquinas de pedincha sob o argumento da disciplina, da obediência, da sujeição e da educação. Este trabalho, aqui apresentado, pretende ser a descrição da submissão à escravatura pelo currículo,

onde o abuso de poder sobre a pobreza demonstra a visão althusseriana do currículo como instrumento de poder. Acima de tudo, identifica o pior que pode a educação ter: o espezinhamento da infância e a curvatura da adolescência.

Este trabalho insere-se na relação existente entre o currículo num mundo globalizado e onde a ideia de internacionalização da investigação científica, neste caso no âmbito das ciências sociais, deve servir para alterar contextos e perspectivas locais ou, pelo menos, de ser um instrumento de denúncia dos atentados aos direitos e do que se passa neste mundo. Foi assim que descobri a escravidão de milhares de crianças no Senegal pelos seus supostos guardiões e educadores.

A Constituição senegalesa, no seu artigo primeiro, define o país como um Estado laico, ainda que a comunidade seja, na sua maioria, muçulmana. Esta Constituição passou por um referendo, a 27 de março de 2016, que não conseguiu travar o sentimento generalizado de injustiça, insegurança e violência que se vive naquele país.

Em 2020 o Senegal ficou em choque quando acordou sabendo que mais uma criança tinha sido espancada até à morte por não saber a lição do dia numa escola corânica. Não se trata de ser ou não uma escola islâmica. Trata-se dos direitos fundamentais das crianças que são atropelados continuamente neste país, pelas mãos de pretensos educadores, à vista da comunidade internacional e do próprio Senegal. Que não se entenda, portanto, este trabalho contra este ou aquele credo. Ele é simplesmente um texto de reflexão e denúncia de maus-tratos a crianças e com o conhecimento do Estado, da UE (que investe milhares de euros naquele território) e do direito internacional e proteção dos direitos das crianças e adolescente, num país laico e supostamente democrático.

“A mendigagem forçada, o abuso físico e as condições de vida perigosas do dia-a-dia suportadas por estes talibés violam a legislação doméstica e internacional. O Senegal possui legislação aplicável, mas o cumprimento desta é raramente imposto. O Senegal é membro da Convenção sobre os Direitos da Criança, da Carta Africana sobre os Direitos e o Bem-Estar da Criança, e dos principais tratados internacionais e religiosos sobre trabalho infantil e tráfico de crianças, que são claros na proibição das piores formas de trabalho infantil, violência física e tráfico. O direito internacional também reconhece o direito das crianças à saúde, desenvolvimento físico, educação e lazer, obrigando o estado, os pais e os responsáveis pelos cuidados da criança a satisfazer esses direitos.”¹

Não há qualquer intenção pejorativa em relação à ideia de religião e de fé que são fenômenos que desde sempre acompanharam a humanidade. Por isso mesmo, na minha perspectiva, a compreensão da fé islâmica, num mundo globalizado, deve fazer uma reflexão sobre o que é a religião e de que modo ela atinge terceiros. Saber que existem crianças e adolescentes maltratados em nome da fé (seja ela qual for), não facilita nada a mensagem de paz de qualquer religião.

¹ In <https://www.hrw.org/pt/node/256051/printable/print>

A experiência religiosa implica despirmo-nos dos nossos *pré-conceitos* e preconceitos em relação aos credos, inclusive os nosso, o que, de alguma maneira, implica a não fé. Importa aqui percebermos o papel da religião e da fé na vida da humanidade, na evolução das culturas e na determinação do sentido da vida de inúmeras pessoas. Além da sua antiguidade, o fenómeno religioso é universal. Ele surge em todas as épocas e lugares e faz parte da existência humana e por ela muitos foram educados.

A complexidade do fenómeno religioso não cabe numa definição ou numa descrição absolutamente única. Mas este fenómeno tem no seu núcleo um ponto comum: a experiência do sagrado que advém de uma disciplina educativa, mas também de um desejo superior de encontro. Se a fé islâmica aumentou na Europa? Claro que sim. Mal seria se a entrada dos migrantes, islâmicos ou não islâmicos, dependesse da “cristianização” do mundo. A título de informação adicional, há ainda neste medo da “islamização da Europa” que é uma outra falácia mais perigosa que se confunde com a securização europeia, particularmente urbana. Com o terrorismo e o aumento da violência associada a radicalismos religiosos tendemos a nos esconder nos argumentos mais fáceis, mas também nos menos racionais. A Europa já sofreu imenso com diferentes formas de terrorismo, inclusive o terrorismo político. Assim, que não se entenda este trabalho como marcado por algum tipo de sentimento antirreligioso.

Na verdade, acredito que a resposta europeia que se quer ao extremismo religioso é política, tal como, numa outra dimensão, a este problema no Senegal. Essa resposta politizada deve se assumir como um caminho educativo. Seria uma resposta de prevenção a todos os níveis. O secularismo, multiculturalismo e a diversidade

presentes na Europa e que se querem como exemplo para os países terceiros exigem de nós a integração daqueles que são diferentes de nós e isto só é possível pela educação que recusa o despotismo. É meu entendimento que a resposta à questão dos meninos *talibés* no Senegal deve ser europeia porque são milhares os euros que investimoss naquele país e isso deve ser razão para uma contrapartida básica: proteção dos mais frágeis.

No Senegal as crianças entre os quatro e os doze anos são entregues a *marabus* - líderes muçulmanos altamente respeitados pela população, em especial a comunidade rural, e pelas autoridades locais, e que são fiéis à tradição de incutir uma educação religiosa e moral aos menores que se formam nas escolas corânicas, chamadas *daaras*. De acordo com a Human Rights Watch pelo menos 50 000 rapazes, em 2016, conhecidos como talibés, são forçados a mendigar nas ruas senegalesas durante longas horas, por professores violentos, conhecidos como *marabus*. Estes dados foram atualizados, em 2019, para o dobro: 100 mil crianças segundo a Organização Não Governamental (ONG) atrás referida. Também a Plataforma para a Proteção dos Direitos Humanos (PPDH) levanta a questão, em 2017 e 2018, dos níveis preocupantes de negligência e de mortes destas crianças. Nesses dois anos, a PPDH refere a morte de dezasseis crianças por força dos castigos físicos e abusos por parte dos seus professores, os *marabus*. Dá conta ainda de “61 casos de abusos físicos, 15 casos de violações ou tentativa de violação e 14 casos de crianças fechadas e acorrentadas²”.

² <https://observador.pt/2019/06/11/mais-de-100-mil-criancas-talibe-sujeitas-a-abusos-e-mendicidade-forcada-no-senegal/>

SENEGAL – ESCOLAS DAARA

Os talibés

50 000 rapazes, conhecidos como talibés, são forçados a mendigar nas ruas senegalesas durante longas horas

Fonte: Human Rights Watch

Foto: Mário Cruz



Mas é preciso contextualizar a educação corânica antes, durante e depois do domínio francês. As escolas corânicas, ou *daaras*, existentes antes do domínio colonial francês eram dirigidas por *marabus* e os estudantes, atualmente, conhecidas como *talibés* viviam, vários anos, com o *marabu* na escola corânica, sem qualquer tipo de contacto com familiares. A mendigagem acontecia quando a colheita nas terras não era suficiente para abastecer as carências alimentares dos *talibés* residentes.

Durante o domínio francês, apesar de a legislação proibir os *marabus* de aceitarem crianças entre os seis e os quinze anos durante o horário da educação pública e, da obrigatoriedade de estudarem na escola pública de língua francesa, muitos pais continuam a preferir as escolas corânicas tradicionais. Muitas vezes, esta preferência tinha a ver com os custos da educação pública. Ou seja, as autoridades francesas não foram capazes de reduzir a proliferação das escolas corânicas sob o jugo dos *marabus*, nem de limitar a educação islâmica sobre a população.

Após a independência as escolas corânicas das aldeias continuaram a ser as mais comuns tornando-se, assim, a única

opção para quem pretendia seguir uma educação religiosa. As graves secas dos anos 70 deram início a um fluxo de migrantes, inclusivamente *marabus*, que trocaram as aldeias senegalesas pelas cidades. Seca essa que ainda se faz sentir como prolongamento do Sahel.

SENEGAL – ESCOLAS DAARA

Em 1980, a mendigagem forçada já era uma prática comum e, muitos *marabus* atraídos pelo lucro fácil optaram por permanecer nas cidades.



Foi nesta altura, anos 70, que muitos *marabus* começaram a obrigar os seus *talibés* a mendigar. Em 1980, a mendigagem forçada já era uma prática comum e, muitos *marabus* atraídos pelo lucro fácil optaram por permanecer nas cidades. As crianças ‘talibé’ estão a encher as ruas, sofrem abusos horrendos e morrem desses abusos e por negligência”, apontou Corinne Dufka, diretora associada da HRW para África. “As autoridades senegalesas dizem que estão comprometidas em proteger as crianças e em acabar com a mendicidade forçada, então porque é que tantas ‘daraas’ abusivas, exploradoras e perigosas continuam abertas?”, questionou.³”

³ <https://observador.pt/2019/06/11/mais-de-100-mil-criancas-talibe-sujeitas-a-abusos-e-mendicidade-forcada-no-senegal/>

SENEGAL – ESCOLAS *DAARA*



Os *Marabus*

Professores *hostis*

Foto: Reuters/ Human Rights Watch

Os modelos de escolas corânicas existentes no Senegal são diversos e contextualizados, seja do ponto de vista urbano e seja na perspectiva rural, e variam numericamente conforme as estações. Existem as *daara* rurais que funcionam num formato presente em quase todas as aldeias senegalesas e conserva, geralmente, a ênfase tradicional na prática da memorização do Alcorão. Em muitas escolas corânicas rurais, as crianças vivem em casa com as famílias, frequentando as escolas estatais de manhã e a escola corânica à tarde, ou vice-versa. As crianças que vivem na escola corânica ajudam o marabu na preparação da terra na altura da colheita e noutras tarefas, tais como a recolha de lenha e água.

As *daara* sazonais são quase inexistentes nos dias que correm, especialmente em Dakar. Elas albergam marabus e talibés que vivem nas cidades durante a estação seca, sendo os últimos obrigados a mendigar dinheiro. Durante a estação das chuvas, os marabus regressam à aldeia para se prepararem para as colheitas, frequentemente acompanhados pelos *talibés* que os ajudam na vida do campo a cultivar a terra.

A nível urbano, existem as *daara* urbanas que são as escolas onde residem poucos ou nenhuns *talibés*. São frequentemente dirigidas por imãs em escolas corânicas ligadas a mesquitas. Estas escolas corânicas são predominantemente compostas por crianças que vivem com as famílias nos bairros circundantes. A maioria destas crianças também frequenta a escola estatal. Em geral, não existe mendigagem.

As *daara* urbanas é onde residem talibés. É o formato de escola corânica que predomina nas cidades. São, frequentemente, compostas por crianças vindas de áreas rurais do Senegal e da Guiné-Bissau para viver e aprender com um *marabu*. Sob pretexto de que a mendigagem é essencial para sustentar a escola e para inculcar humildade, muitos *marabus* obrigam os seus *talibés* a mendigar nas ruas durante muitas horas. Os horários da verdadeira educação corânica podem variar consideravelmente.

SENEGAL – ESCOLAS DAARA

A negação do direito à educação

Os custos obrigam muitos pais a retirarem os filhos das escolas estatais e a enviarem-nos para uma escola corânica



Foto: Mário Cruz.

As escolas corânicas “modernas”, apesar de ainda relativamente diminutas em número, introduziram o estudo de outras áreas do saber para além da memorização do Alcorão e da aprendizagem do árabe, inclusive o francês e as disciplinas estudadas nas escolas estatais. Regra geral não se pratica a

mendigagem de dinheiro, pois as escolas corânicas modernas são financiadas pelo pagamento das inscrições, pelas autoridades religiosas, pelo Estado, pela ajuda do exterior e agências de ajuda humanitária.

Modelos de escolas corânicas existentes no Senegal

Daara rural	Daara sazonal	Daara urbana onde residem poucos ou nenhuns talibés	Daara urbana onde residem talibés	Escola corânica "moderna"
<i>Prática da memorização do Alcorão. As crianças vivem em casa com as famílias, frequentando as escolas estatais de manhã e a escola corânica à tarde, ou vice-versa. As crianças que vivem na escola corânica ajudam o marabu na preparação da terra na altura da colheita e noutras tarefas, tais como a recolha de lenha e água.</i>	<i>Quase inexistentes, albergam marabus e talibés que vivem nas cidades durante a estação seca, sendo os últimos obrigados a mendigar dinheiro. Durante a estação das chuvas, os marabus regressam à aldeia para se prepararem para as colheitas, frequentemente acompanhados pelos talibés que os ajudam a cultivar a terra.</i>	<i>Frequentemente dirigidas por imãs em escolas corânicas ligadas a mesquitas, estas escolas corânicas são predominantemente compostas por crianças que vivem com as famílias nos bairros circundantes. A maioria destas crianças também frequenta a escola estatal. Em geral, não existe mendigagem.</i>	<i>São frequentemente compostas por crianças vindas de áreas rurais do Senegal e da Guiné-Bissau para viver e aprender com um marabu. Sob pretexto de que a mendigagem é essencial para sustentar a escola e para incutir humildade, muitos marabus obrigam os seus talibés a mendigar nas ruas durante muitas horas. Os horários da verdadeira educação corânica podem variar consideravelmente.</i>	<i>Introduziram o estudo de outras áreas do saber para além da memorização do Alcorão e da aprendizagem do árabe, inclusive o francês e as disciplinas estudadas nas escolas estatais. Na generalidade, não se pratica a mendigagem de dinheiro, pois as escolas corânicas modernas são financiadas pelo pagamento das inscrições, pelas autoridades religiosas, pelo estado, pela ajuda do exterior e pelas agências de ajuda humanitária.</i>

Feito o elenco da tipologia de escolas corânicas no Senegal, temos de tocar na ferida: são demasiados os abusos sofridos por estas crianças, os *talibés*. Os seus dias começam muito cedo na *daara*. Os *talibés* são forçados a mendigar, em média, dez horas por dia.

Abusos sofridos pelos talibés

O dia das crianças senegalesas começa cedo na alvorã. Os talibés são forçados a mendigar, em média, 10 horas por dia. Os *marabus* exigem que os seus talibés – cada professor pode ter entre 15 e várias centenas de talibés ao seu cuidado –, tragam diariamente uma quota em dinheiro ou em comida, da qual os talibés pouco beneficiam. Mendigar faz parte da educação corânica.



Foto: Mário Cruz

“Tenho de trazer dinheiro, arroz e açúcar todos os dias. Quando não consigo trazer tudo, o marabu bate-me. Também me bate noutras alturas, mesmo quando trago a quantia... Quero parar com isto, mas não posso. Não me posso ir embora, não tenho para onde ir”. – Modou S., talibé com 12 anos em Saint-Louis

“Mandar as crianças para a rua e obrigá-las a mendigar é totalmente contra os ensinamentos islâmicos... Alguns marabus têm ignorado este facto—adoram o conforto e o dinheiro que recebem por viverem à custa das crianças”.– Aliou Seydi, marabu em Kolda.⁴

Os *marabus* exigem que os seus *talibés* – cada professor pode ter entre quinze e várias centenas de *talibés* ao seu cuidado –, tragam, diariamente, uma quota em dinheiro ou em comida, da qual os *talibés* pouco beneficiam. Mendigar faz parte da educação corânica.

⁴ In <https://www.hrw.org/pt/node/256051/printable/print>

Os talibés são facilmente reconhecíveis pelas roupas sujas e pelas latas que trazem ao pescoço. Vivem, muitas vezes, em condições desumanas onde é negligenciado a satisfação das necessidades básicas e, são frequentemente vítimas de abusos extremos, negligência e exploração por parte dos professores.

O relatório descreve casos de crianças que são acorrentadas enquanto são espancadas, e outras são forçadas a aguentar posições de *stress* e de pressão levada ao limite; durante os quatro meses de inverno, as crianças talibés enfrentam o frio com poucos ou nenhuns agasalhos e muitas são sujeitos a abusos sexuais.

SENEGAL – ESCOLAS DAARA

Abusos sofridos pelos talibés



Foto: Mário Cruz

Os talibés são facilmente reconhecíveis pelas roupas sujas e pelas latas que trazem ao pescoço. Vivem, muitas vezes, em condições desumanas onde é negligenciado a satisfação das necessidades básicas e, são frequentemente vítimas de abusos extremos, negligência e exploração por parte dos professores.

O Senegal é membro da Convenção sobre os Direitos da Criança, desde 1990, da Carta Africana sobre os Direitos e o Bem-Estar da Criança e dos principais Tratados Internacionais, nomeadamente, na proibição de trabalho infantil, violência física e tráfico, mas, aos olhos de todos nós, é facilmente observável que o cumprimento da legislação e dos tratados não são cumpridos.

SENEGAL – ESCOLAS DAARA

Abusos sofridos pelos talibés



Foto: Mário Cruz

Os talibés são facilmente reconhecíveis pelas roupas sujas e pelas latas que trazem ao pescoço. Vivem, muitas vezes, em condições desumanas onde é negligenciado a satisfação das necessidades básicas e, são frequentemente vítimas de abusos extremos, negligência e exploração por parte dos professores.

Entre 2010 e 2012, o governo senegalês lançou uma iniciativa para criar um regulamento e sujeitar cem *madrassas* - escolas que privilegiam o estudo e a memorização, apenas, do alcorão -, de forma a responsabilizar os *marabus* pela exploração e pelo abuso dos talibés. O objetivo principal não foi atingido.

No seu relatório, a organização Human Rights Watch recomenda ao governo senegalês:

- ✓ “Impor o cumprimento da atual legislação doméstica que criminaliza a mendigagem para a obtenção de lucro económico;
- ✓ Expressar apoio da parte dos mais altos níveis do governo para levar a cabo a acusação dos *marabus* que violam as leis sobre mendigagem forçada, abuso e tráfico
- ✓ Entidades relevantes dentro dos Ministérios do Interior e da Justiça deviam monitorizar, investigar e, quando houver provas, disciplinar a polícia, investigar os juízes e promotores que falham persistentemente em agir face às

alegações de abuso e exploração cometidos pelos marabus.

- ✓ Aumentar a capacidade policial, em particular no interior da polícia juvenil, através do aumento do número de funcionários e dos equipamentos, para melhor impor o cumprimento da legislação existente contra a mendigagem forçada e o abuso físico.
- ✓ Introduzir legislação que exija que os trabalhadores humanitários denunciem à polícia incidentes de abuso, exploração e violações de leis relevantes que regulem o tratamento de crianças, incluindo a legislação sobre mendigagem forçada
- ✓ Requerer que todas as escolas corânicas estejam registadas e sejam periodicamente inspecionadas por oficiais do estado.
- ✓ Encarregar a polícia juvenil de investigar a extensão dos abusos sexuais que ocorrem nas escolas corânicas por todo o Senegal”⁵.

O trabalho que aqui vos apresento foi feito com base no relatório da *Human Rights Watch* intitulado "À Custa das Crianças': Mendigagem Forçada e Outros Abusos Cometidos contra os Talibés no Senegal" no título original, "*Off the Backs of the Children': Forced Begging and Other Abuses against Talibés in Senegal*" e o que vamos sabendo pelos media. O relatório foi iniciado, entre novembro de 2009 e Fevereiro de 2010 e, contou a colaboração da Organização

⁵ in <https://www.hrw.org/pt/report/2010/04/15/256100>

Internacional do Trabalho (OIT); do Banco Mundial; da SOS Crianças Talibés e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Uma década depois, o problema mantém-se.

Em 2017 procuramos garantir o direito das crianças à educação levando este problema ao Parlamento Europeu depois da intervenção do fotojornalista Mário Cruz, que registou as condições e miséria e de abusos que sofrem estas crianças e adolescentes no Senegal, num debate precisamente sobre o mesmo tema.

“Segundo a intervenção de Mário Cruz, aquilo que viu foi "terrível", considerando que no Senegal não existe um sistema de educação, mas sim de "exploração", com crianças que têm de "estar mais de oito horas a pedir esmolas" e a serem "espancadas".”⁶

Não será demais lembrar que entre 2008 e 2013, o Senegal recebeu da UE 340,3 milhões de euros. Em 2016 a UE libertou cerca de 60 milhões para projetos de parceria e em 2017 contribuiu com 4,1 milhões de euros na ajuda humanitária de combate à subnutrição que atinge 20.400 crianças naquele país. É preciso que o resultado dessas contas sejam prestadas. É preciso que esta realidade não continue escondida e garantir o cumprimento do direito internacional. É urgente acabar com este abuso de poder sobre a pobreza e lutar contra o pior que pode a educação ter: o espezinhamento da infância e a curvatura da adolescência.

⁶ In <https://www.dn.pt/lusa/parlamento-europeu-podera-debater-em-dezembro-educacao-das-criancas-no-senegal-8939609.html>

Webgrafia

<https://www.dn.pt/lusa/parlamento-europeu-podera-debater-em-dezembro-educacao-das-criancas-no-senegal-8939609.html>

<https://www.hrw.org/pt/report/2010/04/15/256100>

<https://www.hrw.org/pt/node/256051/printable/print>

<https://observador.pt/2019/06/11/mais-de-100-mil-criancas-talibe-sujeitas-a-abusos-e-mendicidade-forcada-no-senegal/>